



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANTÔNIO CARLOS PEREIRA (KIKO)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-552

Entrevistado: Antônio Carlos Pereira (Kiko)

Nascimento: 11/03/1968

Local da entrevista: Sociedade de Ginástica Porto Alegre - SOGIPA

Entrevistadores: Alexandre Luz Alves e Thales Collar

Data da entrevista: 26/05/2015

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Alexandre Luz Alves e Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 34 minutos e 44 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade; Influência do pai; Clube Gondoleiros; Conselho de Kodanshas; Demandas do Conselho; Contribuição para o judô do Rio Grande do Sul; Esporte no Brasil; Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA); Estrutura para o esporte; Mulheres no judô; Campeonato Mundial; Olimpíada; Gestão esportiva; Equipe multidisciplinar.

Porto Alegre, 26 de maio de 2015. Entrevista com Antônio Carlos Pereira (Kiko) cargo dos pesquisadores Alexandre Luz Alves e Thales Collar para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Como foi a sua inserção no judô e essa foi a sua primeira modalidade esportiva?

A.P. – Comecei no judô em outubro de 1976, na Sociedade Gondoleiros¹, esse foi o primeiro local onde eu comecei a praticar judô. Foi a minha primeira experiência no esporte, claro depois da educação física na escola, mais tarde, eu tive contato com outras modalidades, mas formalmente foi minha primeira experiência esportiva.

A.A. – Teve influência de professores, parentes, familiares?

A.P. – Eu tive a influência do meu pai, meu pai me levou. Ele frequentava esse Clube Gondoleiros, sempre ia ao final do dia jogar cartas, encontrar os amigos e ele sempre via aquele movimento do judô. Claro, o judô não era como é hoje que todo mundo sabe, hoje o judô está presente na televisão, todo o final de semana tem transmissão de judô, toda uma mídia. Aqui no Brasil o judô tem dezenove medalhas olímpicas, é um esporte importante no Brasil. É o esporte com o maior número de medalhas olímpicas no Brasil, é um esporte que todo mundo conhece, os seus valores educacionais, valores morais, valores sociais que todo mundo desenvolve. Todos têm o conhecimento do que é o judô. Naquela época não era assim, eu acabei entrando no judô em função do meu pai que conhecia o professor e conhecia o movimento dentro do clube, o judô também não era tão grande como é hoje. Hoje tem judô em muitas escolas, em muitas academias, em muitos clubes, naquela época tinha em poucos clubes.

A.A. – Como era a escola onde você iniciou a prática de judô?

A.P. – Era um clube que na época, fazendo a leitura de hoje, era um dos maiores da época. Mas já estava um pouco em declínio, porque tinha uma geração anterior que era campeã estadual e tinha muita gente que se transferiu para a SOGIPA² e logo em seguida eu

¹ Clube esportivo localizado na cidade de Porto Alegre.

² Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

comecei a fazer judô lá. Era um clube que tinha uma tradição boa, era uma tradição grande, teve bons professores, mas estava em declínio, estava querendo retomar o trabalho, foi quando eu comecei.

A.A. – Como era a situação do judô no Rio Grande do Sul sob a sua perspectiva? Você teve apoio ou auxílio de algum clube? Ou desse clube em específico, o Gondoleiros?

A.P. – Não, era muito amador, fazendo um comparativo com hoje, a gente era muito amador. A gente treinava muito menos que se treina hoje, não tinha apoio de ninguém, era muito difícil, a estrutura, os tatames eram precários... Não tem nada a ver com o judô de hoje que tem investimento, que tem patrocinadores, que tem projetos esportivos realmente sérios. Não tem nada a ver com a realidade de hoje.

A.A. – No mesmo período que você iniciou a sua prática havia mulheres praticando judô ou competindo?

A.P. – Praticamente não havia mulheres. Eu lembro que começou em 1980, as mulheres começaram a praticar de forma muito modesta...

A.A. – Poderia citar alguns nomes?

A.P. – Eliane Pintanel³, eu acho que é uma das mais antigas, ela é minha colega e ainda hoje pratica judô.

A.A. – Ela cedeu entrevista para o CEME⁴ também...

A.P. – Ela é uma das primeiras que eu lembro, ela foi colega da minha geração, depois minha atleta, mas ela é uma das mais antigas.

A.A. – O que significa ser Kodansha⁵? Como aconteceu o processo e o ano que você se tornou?

³ Eliane Pintanel Teixeira Porndzynski.

⁴ Centro de Memória do Esporte.

A.P. – Eu me tornei Kodansha em 2001 com trinta e três [anos], talvez tenha sido o mais jovem no Brasil a ser Kodansha. Eu valorizo ser Kodansha, mas eu tenho muito mais orgulho da minha trajetória no judô do que ser Kodansha, porque minha trajetória no judô foi através de muito trabalho, quase trinta anos de trabalho aqui na SOGIPA, de muitas progressões, muito crescimento. O Rio Grande do Sul não tinha nenhuma ambição de ter um atleta de nível internacional e com a geração dos meus atletas e com a geração do clube, nós começamos a colocar atletas na Seleção Brasileira: juvenil, júnior, adulto. Foi uma dificuldade gigante, depois que colocamos atletas na Seleção o outro caminho era ter resultados, era difícil, o outro caminho era profissionalizar. Hoje eu tenho aqui dois fisioterapeutas, um médico, um psicólogo, um nutricionista, um preparador físico, um auxiliar técnico e eu sou o técnico e gestor do projeto. Isso é muito difícil, tu chegar em um clube e convencer que tu precisa atrair patrocinadores, hoje nós temos a Oi⁶, Banrisul⁷, Grupo Zaffari⁸, patrocinadores que acreditam no projeto. Temos atletas que estamos trazendo de São Paulo, do Rio de Janeiro para cá. Em todos esportes do Rio Grande do Sul a gente perde atletas, os atletas do taekwondo, voleibol, basquete, tem uma invasão de gaúchos pelo Brasil. O gaúcho tem um fator genético muito bom, as misturas das raças deu muito certo, o gaúcho tem uma predisposição para o esporte muito grande, mas ele não tem gestão nenhuma esportiva. Com uma ambição pequena, gestão esportiva terrível, a gente perde atletas... E nós aqui da SOGIPA mudamos esse ciclo. Eu sou noventa e nove por cento orgulhoso da minha trajetória no judô e um por cento de ser Kodansha. Tu ser Kodansha é uma questão de tempo, tu fica parado no tempo tu vai indo, daqui a pouco o cara vai promover aquele ali. O cara olha uma ficha, e ele está há vinte anos, trinta anos sendo faixa preta, vamos dar uma faixa para ele, dá uma faixa vermelha e branca para ele. Eu tenho muito mais orgulho da minha trajetória do que de ser Kodansha.

T.C. – Tu acha que os atletas que hoje competem tem alguma ambição em ser Kodansha?

A.P. – Nenhuma, ninguém pensa nisso. É uma vaidade própria.

⁵⁵ Kodansha é a nomenclatura dada aos judocas que atingem o sexto grau (dan) da faixa preta, modificando desta forma a cor da faixa para vermelha e branca, rajada.

⁶ Concessionária de serviços de telecomunicação.

⁷ Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

⁸ Empresa varejista do Rio Grande do Sul.

T.C. – Teve algum momento do judô que houve essa quebra, o pessoal deixar de buscar essa questão histórica do Kodansha e tentar o resultado olímpico?

A.P. – Também a pessoa que começa no judô ele não imagina que vai ser campeão olímpico, que ele vai ser campeão mundial, ele não sabe, é uma consequência. Acho que quem começa a praticar judô tem a ambição de ser um cara tranquilo, um cara harmônico, um cara com o corpo bom. A pessoa tem ambição de ter medalhas, de ser competitivo, tem uma ambição social, mas ele não consegue... A Mayra Aguiar⁹, por exemplo, a Mayra não deve pensar um segundo em ser Kodansha, mas deve pensar o dia inteiro em ser campeã olímpica. Não é essa nossa moeda, entende? Não é o nosso ápice. Pelé¹⁰ queria ser campeão do mundo, Ronaldinho¹¹... Ele não queria ser o cara que foi considerado o Atleta do Século, isso vai sendo consequência.

A.A. – Comente as demandas do Conselho de Kodanshas e se você desempenha alguma função específica?

A.P. – Sou membro, não muito ativo por que eu tenho uma agenda de competições e viagens muito grande e eu não consigo participar das reuniões.

A.A. – Basta ser Kodansha para integrar o conselho?

A.P. – Sim.

A.A. – Tem um número limite de participantes?

A.P. – Não.

A.A. – Como foi recebida a inserção de uma mulher no Conselho? Existem outras mulheres habilitadas a integrar o Conselho ou em vias de?

⁹ Mayra Aguiar da Silva.

¹⁰ Edson Arantes do Nascimento.

A.P. – Eu acho que a história da Eliane é incontestável, ela tem uma história no judô muito bonita, uma carreira bonita, fez todos os segmentos do judô, foi árbitra, técnica, atleta e muito merecido. Não vejo outra assim tão próxima a se tornar Kodansha.

A.A. – O Conselho é uma iniciativa recente, teoricamente recente...

A.P. – Uns dez anos...

A.A. – A ideia de organizar um Conselho foi inspirada em outra Federação¹²?

A.P. – Não, foi a ideia de um membro da Federação que se chamava Juarez Weinmann¹³, ele quis dar espaço aos mais antigos, ele quis fazer com que houvesse uma ligação entre os professores mais antigos com a Federação. O único objetivo do Conselho dos Kodanshas é aconselhar, não tem mais nenhuma forma de participação, é buscar algumas ideias e indicar à Federação. O Conselho é muito menor que a Federação, a Federação é o órgão que instalou o Conselho, então a Federação que solicita, pede alguns conselhos para o Conselho.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico, árbitro ou outra atuação dentro do judô:

A.P. – Fui um atleta razoável, dentro da média para época no Rio Grande do Sul, e tive uma atuação acho que bastante destacada como técnico. Eu tive a oportunidade de ter três atletas medalhistas olímpicos, aproximadamente oito atletas treinados por mim foram aos Jogos Olímpicos. Tive o orgulho de ter quatro atletas campeões de Mundial adulto, dos seis que o Brasil possui, tive mais três atletas campeões de Mundial sub-21, mais algumas outras medalhas, alguns atletas de destaque. Minha carreira de árbitro... Fui árbitro nacional, mas sem muito destaque, nunca me dediquei muito a carreira. Minha dedicação foi ser professor e técnico e uma coisa que me deixa muito feliz é que o maior atleta da história do judô gaúcho, o João Derly¹⁴, ele foi meu aluno e atleta, eu dei a primeira aula

¹¹ Ronaldo de Assis Moreira.

¹² Federação Gaúcha de Judô.

¹³ Juarez de Oliveira Weinmann.

¹⁴ João Derly de Oliveira Nunes.

para ele de judô e dei a última. Tive também a experiência de trabalhar com o Tiago Camilo¹⁵ que tem duas medalhas olímpicas, foi campeão do mundo comigo, foi medalhista olímpico pela segunda vez comigo. Atleta que era de São Paulo que veio para cá e a gente fez um trabalho. Como o Kitadai¹⁶ também, que é um atleta que veio para cá, não tinha nenhum título expressivo e aqui com a gente foi campeão, foi medalhista olímpico, foi cinco vezes campeão Pan-americano com a gente. A Mayra eu não comecei desde a primeira aula, mas a Mayra chegou na minha mão com doze anos e hoje é a maior atleta do Brasil, a maior vitoriosa em Campeonato Mundial, tem quatro medalhas em Campeonato Mundial Adulto, mais quatro medalhas em Campeonato Mundial Júnior e uma medalha olímpica. É a atleta mais... Se somar as medalhas, ela superou Aurélio Miguel¹⁷, superou João Derly, superou todos, ela é a maior medalhista em competições internacionais, campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

A.A. – Sempre na mesma categoria?

A.P. – Não, duas categorias, uma época até 70 quilos, mas as maiores conquistas dela foram até 78 quilos.

T.C. – Com esse ápice da Mayra houve algum incentivo para que mais mulheres pudessem praticar judô aqui na SOGIPA?

A.P. – Sim, o judô aqui, a proporção é quase 60% por 40%, cresceu muito judô feminino. Muito mais gente, antigamente eram algumas testemunhas, agora bastante gente. Eu já acho que é 60% por 40%.

A.A. – Que outros momentos da sua vida no judô você destacaria?

A.P. – O momento mais especial foi quando o João foi campeão do mundo, foi um momento realmente diferente, até mesmo porque a gente não esperava da forma que foi e como foi. Ganhou do Masato Ushichiba que foi tri campeão olímpico, ganhou de um japonês daquela forma que ele ganhou, quarenta e dois segundos, foi o maior momento

¹⁵ Tiago Henrique Oliveira Camilo.

¹⁶ Felipe Edji Kitadai.

meu no judô, foi... Como vou te dizer? Foi o ápice, nunca acreditei que teria um atleta campeão do mundo, eu nunca acreditei que eu teria um medalhista olímpico, eu nunca acreditei que teria um atleta em Campeonato Mundial e a coisa vai acontecendo, vai acontecendo e... Quando a Mayra foi campeã no ano passado foi uma emoção muito grande, mas eu sabia que aconteceria, já tinha que ter acontecido antes, perdeu uma final do Campeonato Mundial em 2011. Ali que tinha que ter ganho, podia ter ganho, 2013 ela era mais forte e estava bem, mas no dia ela não estava em um bom dia e em 2014 foi campeã e vai ser mais vezes campeã do mundo. Eu sabia que ia acontecer, mas do João eu não sabia que ia acontecer, o João foi inesperado, era um momento difícil da carreira dele, não tinha patrocínio, não tinha nada. Depois o que esse título potencializou de coisas, hoje nós temos um projeto grande por causa desse título. Inclusive foi bom, porque o João se tornou também uma pessoa pública aqui no estado, é um deputado federal que me dá orgulho, eu acho que é mais atuante na área do esporte no Brasil disparado lá no Congresso Nacional. Pouca gente se importa com o esporte, praticamente ninguém, ele é presidente da Frente Parlamentar do Esporte, vice-presidente da Comissão de Esporte, é a pessoa que provavelmente vai ser o relator da nova lei de incentivo ao esporte, é ele que está ali brigando pelo esporte. Aquele título lá no dia 10 de setembro de 2005, esse dia talvez seja o dia mais importante do judô no Rio Grande do Sul, porque ele fez o Rio Grande do Sul virar de outro tamanho. Se não, nós seríamos daquele jeito, pega o aluninho, forma o aluninho e chega lá com a faixa preta com dezessete, dezoito anos, para com o judô, ou os que não param dão aula em um projeto social aqui e ali. Mas não, nesse dia se ampliou, se viu que o gaúcho pode, que o gaúcho consegue, pode ser um dos melhores do mundo. Na época, até então, se achava que nós éramos, no meio do judô, os coadjuvantes e depois desse dia nós somos protagonistas. Hoje tu vai com o distintivo da SOGIPA em qualquer lugar do Brasil os caras querem a camisa, querem rasgar a camisa do judô, querem tirar a camisa. Eu recebo, semanalmente, cinco ou seis atletas querendo vir para cá, gente que vem de São Paulo e do Rio [de Janeiro] para conhecer Porto Alegre e um dos passeios do roteiro é entrar no tatame da SOGIPA, olhar, tirar uma foto. Nós temos hoje uma dimensão que nunca imaginamos que teríamos. Só para ti ter uma ideia, em 2007, três equipes de jornalismo do Japão, antes do mundial de 2007, vieram fazer matéria aqui, eles queriam saber no Japão de onde é o João Derly e o Tiago Camilo. Vieram três equipes até aqui, gravaram aqui, fizeram matéria com eles. É uma outra dimensão, para mim foi o dia mais

¹⁷ Aurélio Fernandez Miguel.

importante do judô do Rio Grande do Sul, porque o dia que um gaúcho do Morro Santana¹⁸ foi campeão do mundo, em um esporte sem nenhum apoio, a dimensão disso é muito grande. O gaúcho que sempre fez judô aqui, que é do Morro Santana... Vocês conhecem o Morro Santana? Foi campeão do mundo.

T.C. – Conte um pouco o porquê que a SOGIPA consegue direcionar tão bem essa linha de alto rendimento?

A.P. – A SOGIPA tem judô há cinquenta anos, isso conta muito, vai fazer cinquenta anos agora. Os alemães tem uma estrutura muito boa, os alemães são assim, do orçamento 20%, 30% é para melhorias, eles tem um pensamento. O alemão planeja, diferente de outros clubes, e a influência alemã é muito forte aqui, nesse aspecto de gestão. E o judô sempre foi um esporte importante pelo objetivo do judô que é formação, os alemães gostam muito disso, em um ambiente familiar, e um esporte que tenha objetivo. Por isso futebol não cresce muito aqui, futebol deixa muito a desejar nos aspectos filosóficos e educacionais, para tu tirar a bola do cara tu dá um carrinho, uma tesoura no cara e isso, na minha concepção, e na concepção de muita gente não é educativo. Nas lutas, em qualquer tipo de luta o pessoal dá soco, dá chute na cara, golpe, mas termina a luta o cara vai lá se cumprimenta, sabe que aquilo faz parte da regra do esporte. A gente tem o maior respeito pelo adversário, sabe que eu ganhar ali é apenas um momento, pois ali na frente eu vou perder, nas derrotas acontecem os maiores aprendizados. O judô cresceu em primeiro lugar devido a boa estrutura, em segundo lugar, sempre teve pessoas com visão estratégica boa, e terceiro, a base foi muito bem feita, a SOGIPA foi o primeiro clube a receber professores japoneses. A SOGIPA, em 1993, quando eu já trabalhava aqui, trouxe um treinador do Japão para passar um ano trabalhando aqui, eu trabalhei diretamente com ele, ou seja, a gente tomou muita água da fonte, a gente não tomou água contaminada, a gente tomou água limpa. E foi aproveitando, avaliando as oportunidades, crescendo e realmente tivemos um talento extraordinário, que provavelmente se tivesse feito atletismo seria campeão de atletismo, se tivesse feito taekwondo teria sido campeão de taekwondo... E o João Derly que foi o embaixador desse projeto, foi quem fez esse projeto crescer e fez com que a SOGIPA fosse uma referência. Hoje recebemos investimentos do Governo Federal, do Comitê Olímpico Brasileiro, temos uma sala de musculação de primeiro mundo, tatame de

¹⁸ Bairro de Porto Alegre.

primeiro mundo, investimento do poder público, ou seja, depois que tu demonstra atividade, o poder público te recompensa e te retribui.

A.A. – Tem vários campeões que passaram pela tua mão. A partir do João Derly essa fórmula se repetiu, ou essa fórmula ganhou mais elementos, explica para nós essa transformação...

A.P. – Ela ganhou mais elementos, o João Derly na verdade foi um projeto piloto, eu era preparador físico, eu era nutricionista, eu era médico, não tinha dinheiro. Depois que o João Derly foi campeão mundial, começaram a se agregar ao nosso projeto patrocinadores, a Oi, que está conosco há mais de dez anos, se agregou. E patrocinador investe dinheiro, mas também quer resultado ao mesmo tempo Ele coloca com uma mão e com a outra quer resultado e para ter resultado a gente criou uma equipe multidisciplinar, nossa equipe multidisciplinar hoje nos ajuda bastante. Antes não tinha, o Kiko¹⁹ fazia tudo, hoje tem dividido, tem uma equipe que o resultado não é mais o Kiko, o resultado é a equipe, antigamente o resultado era o Kiko e o atleta. Essa foi a nossa mudança.

A.A. – Atualmente tu é Roku Dan²⁰, você ainda tem progressão? Existe essa possibilidade? Tem interesse?

A.P. – Não sei. Não é o meu objetivo, se for promovido, se acharem que eu devo ser promovido, fico por dez minutos, feliz [risos].

A.A. – Comente como você percebe a mudança do judô nesses anos, durante a sua trajetória:

A.P. – Cresceu muito, hoje ele é muito dinâmico, a pessoa que ficou dois anos sem subir no tatame já não sabe mais nada, é muito dinâmico, tem muita informação. O judô hoje não é mais um esporte, é um produto nacional, porque o Ministério do Esporte controla o judô, o Comitê Olímpico controla o judô, pois é a principal modalidade olímpica do esporte brasileiro. É levado a sério, não falta nada hoje para o judô administrativamente, os

¹⁹ O entrevistado se refere a si mesmo em terceira pessoa.

²⁰ 6º Dan em judô.

recursos ampliaram, o que a gente tem que ter é cuidado para manter isso. Hoje o judô, tu abre o jornal, tu abre uma revista, sempre tem o judô, o judô tem visibilidade, tem nível, tem patrocinadores, cresceu muito nesse aspecto. Já sei que se tu entrevistar vários Kodanshas eles acham que o judô perdeu a essência, eu não concordo, o judô no Japão é grande porque tem mídia, é um esporte importante na França também. Mas tem Kodanshas que acham que o judô perdeu a essência, que perdeu a filosofia, não perdeu, só que o judô se vendeu pela parte esportiva. Um país como o Brasil, que é um país subdesenvolvido, é um país que precisa de ídolos. Esses ídolos como o Flávio Canto²¹, João Derly, atrás deles têm milhares de seguidores, pessoas que querem ser como eles. Se nós não tivermos esses ídolos, os traficantes vão ser os ídolos deles, porque o traficante anda de tênis bonito, de relógio, de corrente, de carro, claro que a felicidade de traficante dura pouco, mas o traficante, hoje, na favela, ele é o ídolo e nós temos de ter ídolos no esporte. Nós temos um monte no judô, o Tiago Camilo, João Derly, Mayra Aguiar, Flávio Canto, temos Sara Menezes²². Imagina, no Piauí, um dos piores índices de educação, de segurança, de saúde do Brasil, lá tem uma campeã olímpica e essa campeã olímpica tem um projeto social que dá aula para milhares de crianças. De vez em quando ela vai lá e toca nas crianças e conversa com elas e dá aula para as crianças, isso é um projeto de desenvolvimento, de educação. Por isso que o judô está no caminho certo, cresceu esportivamente. Não adianta nós ficarmos em uma salinha fechada de oitenta metros quadrados fazendo kata²³ para cinco crianças, cinco pessoas, porque ninguém quer kata, alguém consegue colocar cem crianças em uma escola pública a fazer kata? Tu já fez kata? Kata é chato demais, kata não transforma ninguém, kata é coisa de velho que não tem o que fazer mais, quer fazer kata. Judô é educação e esporte, onde tu tem o poder de chegar em qualquer canto e colocar duzentas, trezentas crianças praticando esporte, fazendo com que tu te desenvolva através do esporte. O judô está grande, o judô vai crescer muito mais porque tem o espírito esportivo, se não tiver o espírito esportivo esquece. Infelizmente vai ficar igual as outras modalidades de lutas, nem vou falar o nome para não magoar ninguém, mas tem modalidade que funcionam em três, quatro academias e deu. Vocês estão de parabéns, a gente tem que resgatar a história, mas sempre manipulando a história para algo produtivo, sempre tocar para frente a história. A história é muito importante, aqui nos países latinos a

²¹ Flávio Vianna de Ulhôa Canto.

²² Sara Gabrielle Cabral de Menezes.

²³ Kata é um conjunto de técnicas e métodos fundamentais de estudo, especial para transmitir a técnica, o espírito e a finalidade do judô.

gente tem uma dificuldade terrível de registrar e vocês estão registrando. Aqui no Brasil, nos países latinos, se faz muito e se registra pouco. Não digo manipular, mas registrar, sempre buscar os registros importantes que fazem com que, através desse registro, se produzam muitas outras coisas. Não seja um registro morto, não seja um arquivo morto, seja um arquivo vivo, que vá para frente, para que mais tarde, quando nós avaliarmos algum processo, a gente volte para traz e pesquise como foi lá atrás, para ver o que está errado e no que pode evoluir.

T.C. – Explique para nós como as outras modalidades poderiam se espelhar no judô para que o Rio Grande do Sul conseguisse formar mais atletas no alto rendimento.

A.P. – O judô brasileiro tem uma questão diferenciada de alguns outros esportes, o que aconteceu? Houve uma colonização muito forte de japoneses aqui no Brasil, os japoneses são os criadores e os grandes estudiosos do judô. Por exemplo, semana passada, sábado, chegaram dois atletas meus e um preparador físico que estavam no Japão, ficaram vinte dias treinando. O meu preparador físico disse: “Bah! Tem umas máquinas que temos que fazer aqui no Brasil”. Que já tem lá no Japão, ou seja, as evoluções tecnológicas, tudo que tem de melhor lá, chega muito antes aqui. Pelo tempo normal, aqui demoraria mais dez anos para chegar, umas máquinas que eles estão produzindo lá que são uns bonecos com elásticos para fazer projeção, fazer os movimentos específicos. O judô é diferenciado no Brasil por que teve uma colonização japonesa, tem muito japonês aqui, então a técnica, a tecnologia foi importada. Outras modalidades, que não tem essa influência direta com a tecnologia, elas têm de trabalhar muito mais, elas têm de massificar. Eu não acredito em resultado esportivo importante se não massificar o esporte, tem que ter projeto social em tudo que é lado. O futebol no Brasil é forte porque é massificado, brasileiro nasce pega uma bola já sai chutando, a mãe e o pai querem que ele seja jogador para que ele tenha ascensão social. Os meios não justificam os fins, até acho não devia de ser esse o fim, porque o pai e a mãe querem que o filho faça esporte, porque querem ganhar dinheiro com filho depois, querem uma vida boa, querem ascensão social. Mas não interessa, o que interessa é que muitas crianças jogam futebol, massifica, e de milhares de praticantes tu pode tirar um Neymar²⁴, vai tirar um Robinho²⁵, um Pelé, Maradona²⁶, Falcão²⁷, tu acaba

²⁴ Neymar da Silva Santos Júnior.

²⁵ Robson de Sousa.

tirando um de milhares. O judô foi assim, tecnologia boa, conhecimento bom, uma boa imigração de japoneses aqui, uma massificação razoável na época, agora muito boa. Vocês sabem que tem quinze mil escolas que tem um projeto no Brasil que se chama Mais Educação? Quinze mil escolas no Brasil tem uma atividade de judô nas escolas públicas, compraram tatame, tem cara dando aula, vocês sabiam disso? Projeto Mais Educação do Governo Federal, que é do Ministério da Educação com o Ministério do Esporte. Pega essas quinze mil e coloca duzentas em cada escola vê quanto dá isso. Impossível não sair um João Derly, uma Mayra Aguiar... É através da massificação que vai sair a qualidade. Como tu massifica? Maior fonte de massificação é a mídia, a televisão faz tudo, se a televisão aqui no Brasil disser que jogar sinuca é o esporte número um, demora... Por que o futebol é tão grande? Quantas horas de futebol na televisão têm por semana? Cinquenta horas por semana, quarenta, todos os canais transmitem, por isso o futebol é grande, a mídia ela tem um poder de influência e de crescimento. Vocês são jovens, mas eu conheci... O voleibol quando eu era criança, quem jogava voleibol? Um tal de Luciano do Vale²⁸ inventou de transmitir voleibol, um ano depois ele fez um jogo Rússia e Brasil no Maracanã²⁹ e cinco anos depois o Brasil estava disputando medalha olímpica e dez anos depois o Brasil se tornou campeão olímpico. Tudo isso é uma bola de neve, é um processo que é construído pela mídia, o esporte para ser grande tem que ter mídia. Mas para tudo isso nós precisamos de um plano nacional de esporte, hoje as coisas funcionam muito assim: um projeto. Acontece muito solto, nós temos que ter um plano nacional, vertical, César Cielo³⁰ aqui em cima e a criança da periferia, mais humilde criança com cinco anos de idade... O cara que dá aula tem saber o que está ensinando, aquela educação física é muito importante, o educador físico tem que ensinar esporte. Hoje o professor de educação física... Primeiro lugar no ensino fundamental não é obrigado, tem que ser obrigado ter aula de educação física e já tem que dar estrutura para ensinar vôlei, basquete, judô, ginástica olímpica. É muita coisa, investir na estrutura, temos que investir nessa regulamentação e na obrigatoriedade da educação física escolar. Temos que trabalhar também na formação do profissional, será que o professor de educação física formado pode dar aula de ginástica? Será que ele pode dar uma aula de judô? Não sei, nós ainda estamos

²⁶ Diego Armando Maradona Franco.

²⁷ Paulo Roberto Falcão.

²⁸ Luciano do Valle Queiroz.

²⁹ Estádio Jornalista Mário Filho.

³⁰ César Augusto Cielo Filho.

engatinhando, estamos crescendo, os passos para o esporte estão sendo dados, são lentos, mas estão sendo dados.

A.A. – Comente a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul:

A.P. – Eu fui diretor técnico, atualmente a minha contribuição é com a SOGIPA e os atletas que nós formamos, essa é a minha contribuição. Mas hoje eu não tenho nenhum cargo, nenhuma função assim específica na Federação, como eu disse antes não dá tempo, fazer tudo ao mesmo tempo. A Federação é o órgão que nos regulamenta.

A.A. – Tem alguma coisa que nós não perguntamos e você gostaria de deixar registrado?

A.P. – Não, só parabenizar vocês pelo trabalho, eu acho que é por aí.

A.A. – Muito obrigado, nós agradecemos em nome do CEME.

[FINAL DA ENTREVISTA]